

Kira Alves

Caros colegas,

Aqui vai o meu relato sobre meus 3 dias no III ENCONTRO NACIONAL PIBID-FILOSOFIA (ENPF) em Natal, RN.

Em primeiro lugar, me senti muito feliz em participar do evento, tanto como ouvinte quanto como palestrante. Acredito que essa experiência me fez crescer e amadurecer bastante. Fico muito agradecida por esses momentos de amadurecimento que o PIBID e a PUC estão me proporcionando, pois sei que, como todo mundo, temos barreiras que nos impedem de progredirmos e, com todo apoio que estou recebendo (e tenho certeza que sempre receberei), seja do projeto do PIBID, seja dos meus colegas pibidianos, seja do professor Edgar Lyra, me sinto com cada vez mais força e confiança para me “lançar no mundo”. Agradeço muitíssimo a todos vocês.

Questões gerais sobre o III ENPF:

A todo o momento estive carregando em meu coração as dicas do Edgar e Danilo sobre o discurso e percebo o quão importante e esclarecedor foi o evento “Dê voz ao seu discurso”. No III ENPF pude perceber que tanto os alunos quanto os supervisores e professores das universidades tinham dificuldades em discursar, em fazer um powerpoint e, principalmente, mediar as mesas. As mediações, em particular, me incomodaram, pois não havia firmeza dos mediadores – muitas vezes as apresentações passavam do horário ou as perguntas se estendiam fenomenalmente. Entretanto, isso não afetou efetivamente as outras palestras, apenas me deixou um pouco incomodada, tendo em vista o evento “Dê voz ao seu discurso” que assisti semanas antes de estar no ENPF.

Assistimos, se eu não me engano, as palestras da Mackenzie (São Paulo), da UFAC (Acre, que só contou com a presença do coordenador, por falta de recursos), da UFAM (Amazonas), da UFCG (Campina Grande), da UFABC (São Paulo), UFC (Ceará) e UFBA (Bahia). Pegamos um pedaço já no final da UnB e da UNIRIO. Não havia muitas universidades inscritas e as palestras (por serem de 1h de duração) ficaram divididas em dois auditórios.

As apresentações foram maravilhosas. É de grande importância que nós do PIBID façamos contato uns com os outros para saber como cada lugar do Brasil lida com a realidade das escolas públicas e quais projetos eles estão desenvolvendo e seus efeitos nas escolas. Os projetos desenvolvidos são totalmente diversos: vemos uma universidade preocupada com as questões de gênero, outra com a inserção da filosofia nos meios audiovisuais, uma com racismo, outra com a interdisciplinaridade. Em particular, gostei bastante do “Consultório Filosófico” elaborado pelos alunos da UFRN – inclusive, eu mesma participei de uma consulta. É muito bonito ver os graduandos empolgados com a docência, pois sabemos das dificuldades de infraestrutura das escolas brasileiras e dos cortes cada vez mais profundos no que diz respeito, principalmente, ao ensino de filosofia. Apesar de muitas notícias nos deixarem para baixo, seguimos adiante. Todas as universidades, pelo que eu presenciei, levam seu trabalho a sério e com muita dedicação.

A palestra sobre o papel dos supervisores (que contou com a mesa composta por professores supervisores) também foi bastante esclarecedora, uma vez que o PIBID não é o Estágio Supervisionado, onde a dinâmica predominante é a da observação. O PIBID também tem propósitos formativos, contudo, preza por uma nova forma de pensar e de se fazer educação, com a atuação forte, autêntica e espontânea dos pibidianos em acordo harmônico com o supervisor, que está ali também para aprender e se relacionar com a universidade novamente. Lembro da fala de um dos professores da mesa: “Os pibidianos tem a chance de voltar à escola e os supervisores tem a chance de voltar a pesquisar”. E o papel os pibidianos, pelo que eu interpretei, seria quase o papel do médium: o pibidiano é aquele que media/está no meio, entre os alunos de ensino médio e dos professores

(supervisores e universitários) – o nosso trabalho é de contato direto com os secundaristas.

Sobre apresentação do nosso trabalho: Acredito que fomos bem. Tentei lembrar das dicas do Edgar e do Danilo sobre o discurso e espero que a minha fala tenha sido minimamente concisa e objetiva. Gostei bastante da minha primeira experiência apresentando um trabalho. Além disso, eu e Márcia achamos curioso o fato de as demais universidades (tirando a UNIRIO) não se espantarem com as questões da ocupação (tema do nosso trabalho). Acredito eu que o Rio deve ter vivenciado mais esse clima de ocupações. Apesar disso, sinto que fizemos um excelente trabalho, com seriedade, mas sem pesares, representando a PUC-Rio do jeito que ela merece.

Saí de Natal com um gostinho de “quero mais”: “quero mais” aprender, “quero mais” me empenhar e “quero mais” experiências com esta. Sinto que não mudei apenas o meu rosto graças ao Sol forte nordestino, mas amadureci meu espírito – e isso foi a coisa mais impressionante. Por isso o PIBID não pode e não deve se deixar abalar pelos descasos do governo e por suas medidas retrógradas e déspotas. Devemos lutar pelo nosso programa e continuarmos o nosso bom trabalho para espalharmos no Brasil inteiro esse poder de transformação.

Obs: colocarei outras fotos num post separado.

Márcia Ferreira

Queridos colegas, gostaria de dividir com vocês a minha experiência no III Encontro Nacional PIBID-Filosofia (ENPF) em Natal, RN.

Início agradecendo pela oportunidade de participar pela segunda vez do encontro, como ouvinte e palestrante. Participar do PIBID mudou minhas perspectivas em relação ao que é ser professora dentro de nossa realidade. Aproveito para agradecer aos colegas que me acompanharam durante trajeto, quase todos já formados, ao professor Luís Alberto Cabral com seus sábios conselhos, ao Eycles Souza, principalmente ao Edgar Lyra, por nos acompanhar cuidadosamente.

Em Natal, nós pudemos assistir a modos bem diferentes de desenvolver o PIBID; alguns projetos chamam bastante atenção por sua singularidade: a Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP, produz uma “websérie” com a finalidade de explicar mitologia aos alunos, de modo lúdico, com auxílio de voluntários de outros cursos que se interessam pelo programa; a UFABC apresentou grande preocupação com o abandono dos textos filosóficos em sala de aula, por isso produziram material didático com finalidade de oferecer um roteiro que pudesse levar os professores a repensarem suas aulas; a UFRN, dentre outras atividades, oferece um consultório filosófico (inclusive a Kira Alves se consultou e pode falar melhor sobre); a UFC trouxe questões sobre identidade e gênero e a UFBA sobre a Filosofia africana, ambas relatando as dificuldades que encontram em trabalhar temas não tradicionais dentro do ambiente escolar.

Todas as apresentações foram muito enriquecedoras para abrir nossos horizontes acerca das atividades na escola e sobre o que realmente é o PIBID. Muito me surpreendeu o fato da grande maioria dos pibidianos falarem sobre a diferença entre o bolsista e o estagiário, sobre a importância do aluno ser parte do processo e se sentir incluído nas atividades, como o Edgar e o Luis Alberto sempre nos aconselharam. Nesse sentido, todos são unânimes em afirmar que o PIBID é diferente do Estágio Supervisionado e, talvez, seja a característica mais importante para nós. Então, fica bem claro o propósito formativo, no qual podemos refletir acerca da educação e atuarmos enquanto bolsistas sob orientação

do professor supervisor, como foi apresentado na mesa em que os professores supervisores discutiram sobre seus papéis.

Em relação à nossa apresentação, gostaria de destacar o quanto fizemos uso das dicas dos professores Danilo e Edgar em nossa fala. Acredito que apresentamos bem nosso tema, o qual foi muito bem concluído no encerramento do evento, com a fala do Charles Feitosa, professor da UNIRIO, quando pudemos assistir em sua palestra o documentário "Fomos filosofia e poesia. Seremos crime?", retratando a realidade das manifestações e ocupações no Rio de Janeiro, entre elas a do Cairu, com participação, dentre outros alunos, do Pablo e Luan, "nossos alunos". Como a Kira já mencionou em seu depoimento, foi notório perceber que o tema das ocupações não causou impacto nos ouvintes tanto quanto causa em nós e nos alunos da UNIRIO presentes. Contudo, tenho convicção de que representamos muito bem a PUC-Rio.

Retornei refletindo sobre tudo que vimos e vivenciamos, sobre o modo como o projeto está impactando tanto os bolsistas e supervisores quanto os alunos secundaristas. Saí com a convicção de que estamos no caminho certo e valorizando ainda mais todo apoio dado por nossa universidade, departamento e todos quantos realmente acreditam na educação.